

tórias uma reação democrática contra os restos da nobreza e as novas oligarquias. Às vezes com exemplos pequenos, mais significativos. Guardo em meu arquivo preciosa carta de bom amigo, já octogenário, antigo morador de Itú — O sr. Paulo Afonso da Rocha Pinto — narrando-me curioso episódio político local, da velha cidade paulista, que poderia ter tido funestas conseqüências, mas que foi, finalmente, abrandado por um simples telegrama cifrado, assinado apenas por “Maior rio da África” (Não seria necessária argúcia para descobrir que êste pseudônimo ocultava o homem da “Reação republicana...”). O resultado, segundo ainda o mesmo depoimento, foi que aquilo que redundaria certamente num lamentável conflito de “política de aldeia”, terminou em verdadeira apoteose a Nilo e à Reação Republicana... Numerosos outros episódios poderiam ser citados. Em suma, é a “presença” de Nilo, e é esta presença ou atualidade, que sentimos no livro do sr. Celso Peçanha, indispensável para quem se interesse pela História da República.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

* *
*

AZEVEDO (Aroldo de). — *Arnolfo de Azevedo, parlamentar da primeira República*. Companhia Editora Nacional (Col. “Brasiliana” nº 346). São Paulo. 1968 610 páginas.

Longe de uma simples biografia de seu progenitor (o que já seria importante), escrita “sem floreios e com um mínimo de imaginação”, o que o Professor Aroldo de Azevedo nos oferece neste volume é uma excelente contribuição à história política e social do período republicano. Tal como no caso de seu livro anterior (*Cochranes no Brasil*), o autor utilizou rico e precioso arquivo de família, fonte pouco freqüente na pesquisa histórica no Brasil. Daí o interesse de seu trabalho que as simples fontes oficiais não lhe permitiriam escrever. “Biografia de tipo inglês”, classificou-a o apresentador do volume e diretor da coleção em que foi incluído, para advertir que os que procuram nas biografias não somente os fatos políticos sensacionais, mas as minúcias reveladoras do modo de vida de uma sociedade, encontrarão nesta obra páginas ricas de mananciais, espelho fiel da vida de um político da chamada “república velha” que, após a revolução de 1930 recolheu-se decidida e irremovivelmente a uma “apagada e austera tristeza”, em sua modesta e inatável vida privada. Dela vem tirá-lo, agora, o carinho filial de Aroldo de Azevedo num livro que será doravante colocado ao lado dos que foram escritos sobre Joaquim Nabuco, Epitácio Pessoa, Afrânio de Melo Franco, Nilo Peçanha, entre outros, todos indispensáveis para o conhecimento da vida brasileira nos primeiros anos da vida republicana.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.